

# Aelius Stilo e o triunfo da Filologia científica em Roma

Luiz Antônio Lindo\*

## Resumo

Aelius Stilo (c. 150-c.80 a.C) foi o introdutor da Filologia científica em Roma. Concentrou os seus próprios estudos na língua, na literatura e nas *antiquitates* romanas, em busca das palavras e dos costumes dos antepassados. A sua compreensão do papel reservado à Filologia ao lado de outras disciplinas permitiu dar uma sustentação segura à investigação das origens e à busca da identidade do povo romano. A sua influência mostrou-se particularmente significativa em discípulos do porte de Varrão e de Verrius Flaccus e perdurou ao longo do tempo entre estudiosos e praticantes da Filologia. É intuito deste trabalho procurar revelar os aspectos que tornaram o método empregado por Aelius na investigação do legado romano a base da Filologia praticada desde então em Roma por si e por seus discípulos.

Palavras-chave: Aelius Stilo; Filologia Romana; origens e identidade do povo romano.

---

\* Professor na Universidade de São Paulo de Filologia Românica e de pós-graduação nos programas Letra; Língua, Literatura e Cultura Italiana; e Prolam.

# Aelius Stilo and the triumph of scientific Philology in Rome

## Abstract

Aelius Stilo (c. 150-c.80 BC) was the introducer of scientific Philology in Rome. He focused his own studies on Roman language, literature and antiquities, searching for the words and customs of his ancestors. His understanding of the role reserved for Philology alongside other disciplines allowed him to provide secure support to the investigation of the origins and search for the identity of the Roman people. His influence proved to be particularly significant on disciples of the stature of Varro and Verrius Flaccus and endured over time among scholars and practitioners of Philology. This work aims to reveal the aspects that made the method used by Aelius in investigating the Roman legacy the basis of the Philology practiced since then in Rome by himself and his disciples

Keywords: Aelius Stilo; Roman Philology; origins and identity of the Roman people.

Recebido em: 18/03/2025 / Aceito em: 26/20/2025

## Introdução

A Filologia em Roma ajustou-se como uma luva às necessidades duma civilização que tinha todos os requisitos para merecer esse título. Isto em parte porque na altura em que a Filologia passou a prestar os seus melhores serviços à grande cidade esta estava a merecer que a perícia demonstrada na arte de construir uma sociedade complexa fosse celebrada. Para tanto, contava com uma língua culta, polida e aprimorada por gerações de escritores de alto gabarito, cujo talento dera completude a uma literatura de valor inexcedível, reunida num *corpus* maciço de escritos devotado em grande medida a perquirir os grandes temas que requeriam resposta social adequada; além disso, e não menos importante, tendo como pano de fundo uma história marcada por eventos significativos, trilhada com especificidade, ao mesmo tempo que atenta e permeável aos melhores exemplos externos, em primeiro lugar os proporcionados pela Grécia ilustrada. Uma vez tendo alcançado o apogeu que lhe reservara o destino e tendo assim ocupado um lugar central no *cosmion* reservado aos povos cujas realizações servem de estalão para se julgar os feitos humanos, era natural que Roma, como todo grande exemplo de civilização, viesse a personificar a magnificência para a qual todos os olhares se voltam plenos de admiração. A fim de elucidar as circunstâncias que a levaram do berço humilde ao fausto de sua fase áurea foi-se formando pouco a pouco uma classe especial de entendidos, constituída de filólogos e historiadores. Um deles, Aelius Stilo Praeconinus (em português Élio Estilão Preconino) (c. 150-c. 80 a. C.), agindo com inusitada destreza, formulou e executou um plano de estudos com o qual logrou obter avanços notáveis e ainda sedimentar um legado

permanente de saber para os seus sucessores que como ele se interessavam em conhecer o patrimônio cultural romano. Natural de *Lanuvium*, antigo Lácio, cidadão da República, pertencente à classe equestre, os seus dotes intelectuais e a sua vasta erudição são atestados pelas melhores cabeças da *intelligentsia* romana da época, a começar por Suetônio (69 d. C.-c. 122 d. C.), o cronista da elite ilustrada, para cuja formação contribuiu ele próprio. Ao falar de Aelius, Suetônio, a par de informar alguns pormenores sobre a vida do filólogo, enfatiza o seu papel em introduzir “ordem e enriquecimento a todo aspecto da gramática” (*De Illustribus Grammaticis*, cap. 3)<sup>1</sup>, uma disciplina na altura altamente valorizada nos meios intelectuais, à qual emprestou a sua experiência de estudioso e homem público. Semelhantes menções a Aelius podem ser encontradas em observadores e atores privilegiados da vida cultural romana, tais como Varrão (116-27 a. C.), seu discípulo, com quem manteve liames estreitos, assim como com Cícero (106-43 a. C.), que lhe frequentou a casa. O primeiro, ao discorrer sobre questões etimológicas, a propósito do *Carmen Saliare*, cujos fragmentos poéticos supostamente do século VIII a. C. o interessavam vivamente, recorre à autoridade de Aelius, a quem tem por “um estudioso de primeira ordem da literatura latina”<sup>2</sup>, embora, a seu ver, tivesse dado uma interpretação daquele poema não conclusiva, visto que “exposta de maneira sumária” e deixando “para trás muitas coisas obscuras”<sup>3</sup>. (*De Lingua Latina*, VII, 2). A autoridade de Aelius costuma ser evocada por Varrão também acerca de temas da etimologia, como neste exemplo acerca do vocábulo “céu”: “...caelum se diz porque é *caelatum* [cinzelado], ou por antífrase

---

1 “Instruxerunt auxeruntque ab omni parte grammaticam”.

2 “hominis in primo in litteris Latinis exercitati...”.

3 “interpretationem Carminum Saliorum videbis et exili littera expedita et praeterita obscura multa”.

porque é *celatum* [oculto], ao passo que é visível.”<sup>4</sup> (*Ib.*, V, 18). Sobre a etimologia de “terra” se diz, “como escreve Aelius”, que “ela é assim chamada pelo fato de que *teritur* [é pisada]”<sup>5</sup> (*Ib.*, V, 21). Outro exemplo trazido por Varrão é o de “Puteoli”, topônimo derivado de *putei* [poços], cuja origem hipotética para Aelius remete a *puticuli*, “porque ali *putescebant* [apodreciam] os cadáveres que eram neles lançados”<sup>6</sup> (*Ib.*, V, 25). Aelius é lembrado também pela elucidação da forma antiga de Júpiter (*Iovis*), desde o tempo em que este era chamado de *Diovis* e *Diespiter*, ou seja, *Dies Pater* [Pai Dia]<sup>7</sup>, cujos descendentes se chamam *dei*, e assim *dius* [deus] e *divum* [céu], donde a expressão *sub divo* [sob o céu] e *dius fidius* [deus da fé]. Daí ainda deriva o fato de que o templo de *dius fidius* tenha aberturas no teto, para que através delas se veja o *divum*, isto é, o céu... Aelius dizia que *dius Fidius* era filho de *Diovis* (Júpiter), assim como os gregos chamam *Dióskoron* (Dióscuro, filho de Zeus) Castor e dizia tratar-se do mesmo herói designado em sabino *Sancus* e em grego *Hercules*<sup>8</sup>. Outra etimologia curiosa para cuja explicação é evocado o nome de Aelius é o da raposa: “A raposa (*vulpes*) assim se chama, segundo afirma Aelius Stilo, porque voa com os pés”<sup>9</sup>. Já a expressão *nox intempesta* (o coração da noite) para Aelius ela seria “o período do dia em que não há tempo para nenhuma atividade, quando outros chamaram *concupium* (momento do sono da maioria)...”<sup>10</sup> (*De Lingua Latina*, VI, 7). Para termos como os acima mencionados, desde que a sua

---

4 “*caelum dictum scribit Aelius, quod est caelatum, aut contrario nomine celatum, quod apertum est.*” (*apud* Funaioli, 1907, p. 59)

5 “*terra dicta ab eo, ut Aelius scribit, quod teritur.*” (Funaioli, 1907, p. 67)

6 “*puticuli quod putescebant ibi cadavera proiecta*”

7 *Diovis, dies* por deificação da luz do dia.

8 “*Aelius Dium Fidium dicebat Diovis filium, ut graeci Dióskoron Castorem, et putebat hunc esse Sancum ab Sabina lingua et Herculem a Graeca*” (Funaioli, 1907, p. 60)

9 “*vulpes, ut Aelius dicebat, quod volat pedibus.*” (Funaioli, 1907, p. 69)

10 “*Intempestat Aelius dicebat cum tempus agendi est nullum, quod alii concupium appellarunt...*”

significação restasse obscura, não era raro Varrão servir-se da análise de Aelius, o que deixava clara a sua dívida para com o mestre.

Cícero, que na juventude buscara junto a Aelius lições de letrado, a fim de dirimir dúvidas sobre temas apreciados por quem pretende adquirir erudição - a exemplo do que fizera Varrão -, ao se aventurar pelo labirinto da etimologia recorre ao filólogo ocasionalmente, como quando segue a interpretação aeliana acerca das lamentações fúnebres expressas pelo significado de *eiulatio*, confessada nesta passagem de *De Legibus* (II, 59): “Os antigos intérpretes Sextus Aelius e L. Acílio disseram não conseguir compreendê-lo [a adoção de certas prescrições fúnebres], mas pensavam em algum traje de luto, e L. Aelius que as lamentações são quase um pranto lúgubre, de acordo com o significado do próprio vocábulo; e deveras creio no fundamento desta interpretação, visto que a legislação de Sólon contém a mesma proibição.”<sup>11</sup> No *Brutus*, 205, o grande orador se refere a Aelius como a “um varão ilustre e cavaleiro romano eruditíssimo nas letras gregas e latinas, grande conhecedor de nossa antiguidade, no que tange tanto às instituições quanto aos fatos históricos e aos escritores antigos. Nosso Varrão, homem de grande engenho e de vastíssima cultura, recebeu dele, ampliou e ilustrou em várias obras célebres esta ciência.”<sup>12</sup> Também não custa lembrar que para Aulo Gélcio Aelius “era o maior sábio em seu tempo...” (*Noites Áticas.*, X, 21, 2)<sup>13</sup> É preciso dizer que o imenso conhecimento da língua e da literatura latina que aplicou

---

11 “*Hoc veteres interpretes Sex. Aelius, L. Acilius non satis se intellegere dixerunt, sed suspicari vestimenti aliquod genus funebris, L. Aelius lessum quasi lugubrem eiulationem, ut vox ipsa significat; quod eo magis iudico verum esse, quia lex Solonis id ipsum communia.*”

12 “*Fuit is omnino vir egregius et eques Romanus cum primis honestus idemque eruditissimus et Graecis litteris et Latinis, antiquitatisque nostrae et in inventis rebus et in actis scriptorumque veterum litterate peritus. Quam scientiam Varro noster acceptam ab illo auctamque per sese, vir ingenio praestans omnique doctrina, pluribus et illustrioribus litteris explicavit.*”

13 “*quoniam qui doctissimus eorum temporum fuerat, L. Aelius Stilo...*”

com suma perícia Aelius a adquiriu em fontes gregas e em parte latinas, mas, sobretudo, nas primeiras, a partir da conscienciosa recepção dos ensinamentos das escolas alexandrina e pergamena do século III a. C. Cícero, embora ciente do quanto essas influências ajudaram a formar o filólogo, em parte provavelmente por este supostamente pretender ostentar uma filosofia de estampa estoica, nega peremptoriamente o seu domínio do credo estoicista, assim como lhe nega possuir os dotes de orador, embora Aelius escrevesse discursos para Q. Metello, filho de Lucius, para Q. Cepião e para Q. Pompeu Rufo. Na passagem em que revela pormenores da vida intelectual romana, no que se refere a Aelius pode-se supor que Cícero esteja falando com conhecimento de causa, pois lembra estar presente durante a confecção destas orações, no tempo em que, juvenzinho, “costumava frequentar Aelius e escutar atentamente as suas lições”<sup>14</sup> (*Brutus*, 1970, p. 207). De todo modo, do conjunto de testemunhos deixados acerca da carreira de Aelius como filólogo é lícito depreender que não lhe faltavam os dotes para constar do panteão dos grandes estudiosos de Roma, antigos ou contemporâneos. Haja vista que, além de Cícero e Varrão, seu trabalho se fez conhecido e reconhecido, do século I ao VII d. C., por Verrius Flaccus, Plínio o Velho, Quintiliano, Suetônio, Frontão, Aulo Gélcio, Nônio, Arnóbio, Charisius, Sérvio e Isidoro de Sevilha. *Scholars* modernos, como F. Mentz e F. Leo, reverberam de sua parte a opinião favorável dos antigos aos seus escritos. Corroborando o que se sabe pelos indícios deixados, o primeiro afirma ter sido Aelius perito em assuntos sagrados, observador de assuntos referentes à arte médica, de assuntos concernentes à natureza e à vida, como utensílios usados por artesãos e trabalhadores em

---

<sup>14</sup> “cum essem apud Aelium adulescens eumque audire perstudiose solemem”

---

geral, enfim numa série de itens usuais aos habitantes de Roma e de suas cercanias (*De Lucio Aelio Stilone*, p. 17). F. Leo, por sua vez, afirma que Aelius, por seus feitos e influência, teve um significado maior para a vida espiritual romana (*Geschichte der Römischen Literatur*, p. 378).

Em que pese só terem restado fragmentos da obra do filólogo romano, pode-se fazer uma ideia, com a ajuda dos *testimonia*, de como os temas nela tratados têm em comum uma mesma preocupação, qual seja a de dar forma a uma filologia efetivamente capaz de compor, mediante o confronto de registros textuais remanescentes, um retrato fidedigno de certas particularidades da cultura romana, com o fim de tornar presente e portanto significativo o passado. Por outro lado, sabe-se que ele não começou do nada, pois já os seus antecessores vinham abrindo um caminho promissor para os pósteros. É assim que nomes do porte de Lívio Andrônico, Ênio, Naevius, Fabius Pictor, Cincius, Pacuvius preparam o terreno onde Aelius colherá os melhores frutos. Isto porque com ele finalmente torna-se exequível reconstruir mediante o emprego dum método seguro de leitura e de interpretação dos monumentos disponíveis o *éthos* específico da romanidade, o qual será aplicado conscienciosamente pelos cultores da Filologia romana que o sucederam. O seu legado passará assim a Varrão, Verrius Flaccus, Accius, Aurelius Opilius, Catulo, Ateius Philologus, Ateius Capito, Veranius, Aulo Gélíio, em proveito da coletividade como um todo, até estender-se às gerações futuras. As marcas indeléveis para a cultura letrada do Ocidente que a atividade exercida por Aelius e seus sucessores têm deixado mostram claramente o alcance de tal empresa.

A fim de executar as tarefas a que se propunha, obviamente era necessário possuir um conhecimento extraordinário, tanto da

matéria quanto da forma. Dá-nos uma ideia desse conhecimento a amplitude da erudição demonstrada por Aelius ao realizar as suas investigações. Estudiosos que se debruçaram sobre a sua produção, como J. A. C. Heusde e F. Mentz, dão conta de cinco obras atestadas, além de sete outras de origem duvidosa. Em que pese estarem reduzidas a fragmentos, citam-se das primeiras a *Explanatio Carminum Saliarum*; os *Indices Plauti*; o *Commentarius de proloquis*; as *Orationes aliquot*; e a *Metelli Numidici librorum recensio*. Dentre as incertas, a *XII Tabularum interpretatio*; as *Antiquitates*; o *Liber historicus*; os *Libri etymologicorum*; o *Commentarius ad Plautum et alios poetas; Ennii, Plauti, Titii poematum, Scipionis orationum recensio*; e o *Liber Grammaticus*<sup>15</sup>.

Varrão chega a mencionar a interpretação dos *Carmina Saliarum*. Aulo Gélío (*Op. cit.*, III, 3, 12) confirma a especialização aeliana em Plauto, segundo ele adquirida por ”um homem eruditíssimo, Lucius Aelius, [que] julgava somente 25 [comédias de Plauto] serem suas”<sup>16</sup>, quando outros costumavam lhe atribuir muitas mais. Entretanto, sobre o *Commentarius* de Aelius Aulo Gélío declara, decepcionado: “buscamos com empenho o *Comentário das Proposições [de prologuis]* de L. Aelius, homem douto que foi professor de Varrão e, após encontrá-lo na biblioteca da Paz, o lemos. Mas nele não havia nada educativo nem adequado ao ensino: fica a impressão de que Lélío compôs este livro mais como estímulo pessoal que para ensinar os outros”. (*Ib.*, XVI, 8, 2)<sup>17</sup>

---

15 Os fragmentos aelianus constam de Heusde e Mentz, *cit.* À parte os fragmentos explicativos, os dúbios e os espúrios, referentes à interpretação do *Carmen Saliare* e a questões etimológicas, além dos de autoria discutível, Mentz dá como autênticos apenas três, reunidos nos *Libri etymologicorum* (p. 27)

16 “homo eruditissimus L. Aelius quinque et uiginti eius esse solas existimauit.”

17 “commentarium de proloquiis L. Aelii, docti hominis, qui magister Varronis fuit, studiose quaeuimus eumque in Pacis bibliotheca repertum legimus. Sed in eo nihil edocenter neque ad instituendum explanate scriptum est, fecissequ uidetur eum librum Aelius sui magis admonendi, quam aliorum docendi gratia.”

Sobre as listas plautinas Aulo Gélío corrobora, à luz de outras fontes, as dúvidas levantadas por especialistas. Diz ele: “Descubro ser verdade o que tinha ouvido dizer a homens versados na literatura que tinham lido atentamente numerosas comédias de Plauto; que eles não se fiavam nas listas de Aelius, de Sedigitus, de Claudius, de Aurelius, de Accius, nem de Manilius sobre as comédias que se têm por ambíguas...” (*Ib.*, III, 3, 1)<sup>18</sup>

Como quer que seja, a autoridade aeliana em Plauto goza de plena credibilidade, sendo sustentada, entre outros, por Plínio o Velho, como se lê nesta passagem em que ele trata duma espécie de vinho mencionada nas obras teatrais do comediógrafo: “Também Scaevola e Lucius Aelius e Ateius Capito vejo que foram do mesmo parecer...” (*História Natural*, XIV, 15, 93)<sup>19</sup>, isto é, que os vinhos aromáticos, especialmente o de mirra, estão ao ver de Plínio entre os melhores elaborados pelos antigos, ratificando o que dissera Plauto. Quintiliano, por sua vez, corrobora o apreço pela língua plautina neste comentário em que o bom gosto de Aelius fornece um referencial seguro: “Onde tropeçamos é na comédia, ainda que Varrão, na esteira de Aelius Stilo, declare que ‘as Musas teriam falado na língua de Plauto, se tivessem desejado expressar-se em latim’.” (*De Institutione Oratoria*, X, 1, 99)<sup>20</sup> Em Cícero a autoridade aeliana é evocada até em matéria de filosofia moral, apesar do pouco inclinados que estivessem à alta especulação os seus conterrâneos romanos. Em razão disso, recomendava-lhes dirigirem-se à Grécia “a fim de beberem na fonte” os raciocínios justos, que nem ele próprio

18 “*Verum esse comperio, quod quosdam bene litteratos homines dicere audivi, qui plerasque Plauti comoedias curiose atque contente lectitarunt, non indicibus Aelii nec Sedigiti nec Claudii nec Aurelii nec Accii nec Manilii super his fabulis, quae dicuntur ‘ambiguae’...*”

19 “*Scaevolam quoque et L. Aelium et Ateium Capitonem in eadem sententia fuisse video...*”

20 “*In comoedia maxime claudicamus. Licet Varro ‘Musas’, Aeli Stilonis sententia, ‘Plautino’ dicat ‘sermone locuturas fuisse, si Latine loqui vellent’...*”

podia oferecer, por se tratar de “argumentos que na verdade não podiam ser requeridos aos gregos, e após a morte de nosso Lucius Aelius sequer aos latinos.”<sup>21</sup> (*Academica*, I, 2. 8) À sua maneira Aulo Gélío, que, como vimos, declara ser Aelius “o mais sábio em seu tempo” (*Op. cit.*, X, 21, 2), conta que Varrão, que o teve por mestre e dizia dele o mesmo, por vezes o desaprovava: “Sobre este ponto [trata-se da interpretação de antigas palavras gregas empregadas em latim], meu caro Lucius Aelius, o homem mais ornamentado de conhecimentos que conheci, às vezes se equivocava.” (*Ib.*, I, 18, 2)<sup>22</sup> Em suma, os testemunhos deixados na literatura romana e pós-romana concorrem para fazer de Aelius o mestre incontestado da Filologia latina. Vale registrar ainda que a sua reputação não cedeu com o tempo, ao contrário, tem-se mantido, chegando até aos dias de hoje sem sofrer abalos. A seguir, discorreremos sobre o legado de nosso filólogo, seguindo o juízo de alguns historiadores e estudiosos de Filologia que têm algo relevante a dizer a propósito.

## Aelius essencial

Os inúmeros livros e artigos que tratam da história da Filologia latina têm evidenciado a importância da contribuição de Aelius tanto para a cultura letrada romana quanto para o aprimoramento do método filológico aplicado aos monumentos escritos. Por outro lado, *não custa lembrar que* no momento em que Aelius e seus pares se dedicavam a classificar e analisar cada particularidade da cultura latina, letrada ou popular, Roma já apresentava os sinais de que estava a atingir o ápice de sua

---

21 “*A Graecis enim peti non poterant ac post L. Aeli nostri occasum ne a Latinis quidem.*”

22 “*In quo L. Aelius noster, litteris ornatissimus memoria nostra, erravit aliquotiens.*”

---

evolução histórica, destinada a ocupar um lugar central no seio da civilização ocidental, tornar-se a capital do mundo antigo e erigir-se na sede renovada da cultura clássica, em substituição à Grécia. Roma chegava assim àquele ponto em que uma interpretação nos moldes concebidos pela ciência filológica se faz desejável, por se justificar conhecê-la, ao mesmo tempo que ela se conhece a si mesma a partir de suas origens e mediante o inventário dos momentos mais significativos de sua trajetória. Tendo logrado tornar-se um fenômeno histórico com todas as características de sociedade altamente complexa, cujos fundamentos se encontram no exercício contínuo e eficaz da comunicação entre as partes que a compõem, era natural que surgisse a necessidade de compreender o significado multifacetado das informações geradas em seu seio, o que ademais gerava o interesse pelas causas que agiram na sua formação e contribuíram para o seu desenvolvimento. Como resultado de sua trajetória histórica que a alçou ao patamar de ente exemplar no contexto das civilizações antigas, cabe dizer que Roma passou a merecer a mesma dedicação interpretativa dispensada à antiga Grécia pelos filólogos de Alexandria e de Pérgamo. Tal como ocorrera naqueles centros de estudos dedicados a investigar e perpetuar o legado grego, Roma tornara-se capaz de justificar um interesse análogo, por apresentar todas as condições para que se procedesse a um balanço de suas realizações passadas e presentes. Como consequência, nela se instalaram instituições dedicadas à pesquisa de “humanidades”, as quais têm entre as suas atividades a de ler atentamente, interpretar e comentar textos concernentes à vida da cidade, a começar dos mais antigos, representativos do passado mais remoto, onde se supõe repousarem os princípios evolucionários que porventura

expliquem o seu desenvolvimento exemplar<sup>23</sup>. Chegado pois o momento de se conhecer mais a fundo os passos decisivos dados durante a edificação da *Urbs*, Aelius revela-se bastante perspicaz para discernir no emaranhado dos eventos passados e presentes os elementos significativos que permitam pôr alguma ordem no caos aparente. Pela maneira como traçou o seu plano de estudos, estava claro para ele que a filologia e somente esta lhe permitiria alcançar o fim almejado. A sua perspicácia se revela justamente na sua adoção conscienciosa duma versão de estudos literolinguísticos concebida originalmente para a investigação da cultura grega, à qual procura dar forma debruçando-se sobre a matéria romana dos monumentos postos ao abrigo pela diligência dos estudiosos e das autoridades. Assim, na esteira dos filólogos-bibliotecários helenísticos que consolidaram o panteão literário grego da época clássica<sup>24</sup>, ele se propõe a discernir uma identidade romana a partir de estudos de língua e de monumentos literários colhidos nas fontes mais antigas. Com efeito, os procedimentos heurísticos adotados por Aelius assemelham-se a um levantamento de terreno com o fim de estabelecer marcos de reconhecimento que sirvam de referência para si e para os demais, segundo um plano consensual, como requer a ciência. Em termos de método por ele empregado, vale considerar o que pensa F. Leo (1913), o historiador da literatura romana, para quem, fundamentalmente, Aelius segue as lições de seus antecessores helenísticos, sem negligenciar o contexto próprio e os seus horizontes translativos. Especificamente, isto significa observar a preocupação com o texto e com a língua, sem o que não seria possível chegar a um resultado profícuo. Para que isto se tornasse realidade, “o estímulo veio de várias

---

23 Acerca dos fatores reveladores do processo de “aculturação” romana *vide* Kroll, 1919, p. 43 ss. e Sandys, 1903, I, l. III e IV.

24 Cf. Pfeiffer, 1968, *passim*.

---

partes, tal como fixara em muitos pontos e estabelecera em bases sólidas o trabalho grego, antes que os estudiosos alexandrinos criassem um espaço apropriado com grandes tarefas a cumprir. A Filologia é simultaneamente a mais antiga e a mais recente das ciências gregas, pois tem início com os filósofos jônios e eleáticos e se consolida no transcorrer do século III.” (Leo, 1913, p. 352) Após o seu traslado para Roma, ela atingiu o seu apogeu com Aelius: “Pela época e pelo efeito causado, Lucius Aelius Stilo está à frente da Filologia romana. Ele estava pronto para assumir a [Filologia] grega como o primeiro poeta estava pronto para a assumir a poesia.” (*Ib.*, p. 362) A confirmação desse fato revelam-na as suas realizações, como mostram os testemunhos de seus contemporâneos acima mencionados, as quais cobriam toda a gama de matérias atinentes à *práxis* filológica, da gramática à investigação antiquária das instituições e da história romanas, da literatura ao direito, além de se estender para outras áreas de atividade. Por razões como essas, o historiador inglês J. E. Sandys também considera Aelius “o filólogo mais destacado” de seu tempo (meados do século I a. C.), “escritor industrioso”, cujo legado passou “a constar das páginas de Varrão, de Verrius Flaccus, de Plínio o Velho e de Aulo Gélío” (*Op. cit.*, I, p. 172).

Saliente-se que um tópico primordial para a Filologia aeliana, sem o que a sua intenção de descobrir uma possível “essência” romana ficaria frustrada, diz respeito ao lugar que nela veio a ocupar a investigação das antiguidades, a qual tem início pela explicação gramatical dos primeiros monumentos linguísticos e literários do latim, seguida dos comentários pertinentes. F. Leo mostra que esses monumentos, mormente os linguísticos, “ele os reuniu no sentido mais amplo, de maneira a abarcar da literatura aos costumes e canções de culto e sem

dúvida os documentos comprovados em arquivos e inscrições, procurando a explicação não só nas áreas remotas da língua viva, mas também, segundo o exemplo sugerido pelos estudiosos gregos, nos dialetos: prenestino, sabino, osco” (*Op. cit.*, p. 365) Vale notar que o enfoque linguístico amplo, incluída a pesquisa etimológica, procura explorar a herança romana a partir das fontes primordiais reveladoras de sua vida espiritual e material, onde se ocultam as vicissitudes que a viram nascer e desabrochar, sem negligenciar os fatores da influência grega necessários para Roma não restar culturalmente incompleta. Se se deseja capturar o sumo da pesquisa antiquária empreendida pelo filólogo tenha-se em vista este verso de Propércio, lapidarmente expressivo do que deve buscar o conhecedor do passado: “os ritos e o calendário e os nomes antigos de lugares”<sup>25</sup> (2004, IV, 1, p.338). De sua parte, o filólogo Aelius tomou os cuidados necessários a fim de não só conservar, mas também sedimentar como um autêntico antiquário a identidade nacional. Varrão, Verrius Flaccus, por sua vez, compreenderam perfeitamente do que se tratava, por isso serão os seus seguidores imediatos nesse intento, como bem mostram os fragmentos varronianos e a *memorabilia* de Flaccus<sup>26</sup>.

Por percorrer uma trajetória paralela, conquanto assíncrona, merece constar da avaliação do quesito concernente à identidade romana a obra de Dionísio de Halicarnasso, denominada *Antiquitates* (ou *História Antiga de Roma*), visto que nela se pratica uma interpretação do passado romano à maneira da praticada por Aelius e seus seguidores, divergindo porém por se

---

25 “*Sacra diesque canam et cognomina prisca locorum*”. Em outra versão: “*sacra deosque canam et cognomina prisca deorum*” - “cantarei os ritos e os deuses e os nomes antigos dos deuses”.

26 H. Nettleship acrescenta: “Temos a evidência do próprio Verrius, de que ele fez uso em larga medida das obras de Aelius Stilo, o mestre de Varrão, de quem cita um comentário sobre o *Carmen Saliare*, outro sobre as *Doze Tábuas* e outros ainda sobre os cômicos e Plauto, a quem ele amiúde se refere em matéria de etimologia e interpretação.” (“Verrius Flaccus, I”, *American Journal of Philology*, 1880, pp. 261-262)

---

fazer em estrito compromisso com a herança grega, a ponto de suscitar dúvidas se o historiador faz bem em assim proceder ou se arrisca parecer artificioso, exatamente como pensa um crítico do projeto dionisíaco, N. Wiater (*in The Ideology of Classicism*), que considera a sua versão antes uma criação que uma descrição efetiva da história da primeira Roma, ainda que, tanto quanto E. Gabba (*in Dionysius and the History of Archaic Rome*), descubra nele a preocupação em reconstruir a etnogênese do povo romano. O pecado de Dionísio estaria na sua intenção de conceder um peso porventura excessivo na formação de Roma à matriz grega. Por outro lado, talvez por serem escassas as informações ou por entenderem que não fosse necessário recorrer tão-só às fontes romanas, Wiater e Gabba deixam passar em branco a possível influência de Aelius na composição da *História*, embora Gabba reconheça a influência nela de Varrão, que por seu turno tanto deveu a Aelius. Seja como for, o problema em estabelecer nexos substanciais entre a cultura grega e a romana não deve soar estranho a um estudioso romano da têmpera de Aelius, uma vez que em seus horizontes culturais a sombra grega sempre se erguia, ora como uma ameaça à afirmação da cultura romana, ora como um ponto de referência, resguardados os devidos limites.

Ao fim e ao cabo deve-se portanto concluir que o fim perseguido por Aelius em suas investigações, ainda quando ele encontre dificuldade em traçar os limites do seu espaço cultural mais íntimo, leva-o a privilegiar os elementos formadores do espírito romano, quaisquer que sejam eles. Este compromisso ficou claro para os seus discípulos Varrão e Verrius Flaccus, além de outros, que resolveram seguir o mesmo caminho<sup>27</sup>.

---

27 Aliás, essa tendência já se insinuara com o primeiro exemplo de literatura latina proporcionado por Lívio Andrônico e a sua tradução da *Odisseia*.

## Aelius antiquário

Como já se apontou, a forma dada por Aelius à Filologia a fim de colocá-la a serviço de seu torrão natal não difere fundamentalmente dos esforços feitos pela Filologia helenística para integrar as terras conquistadas por Alexandre Magno à cultura grega. Com a diferença de que enquanto para os estudiosos helenísticos se tratava de assumir um legado para o qual não contribuíram efetivamente, visto ter sido incorporado tardiamente a sua própria história, em si mesma periférica à matriz grega, para Aelius o legado a sua disposição pertencia ou devia pertencer de fato e de direito aos romanos, desde o princípio<sup>28</sup>.

A comprovação de tal fato reclamava a pesquisa de fontes, exatamente o que faz Aelius ao enfatizar a investigação antiquária sobre documentos disponíveis<sup>29</sup>, ao lado da tradicional pesquisa linguística e literária. Na verdade, os filólogos, seus precursores, de alguma forma já o faziam, por ser este um dever do labor filológico elementar, implícito na preocupação em conhecer o desenvolvimento duma cultura a partir do seu enraizamento no passado. A novidade com Aelius *é que ele* faz desta inclinação um momento-chave dos estudos sobre as origens dum povo e sobre o seu desenvolvimento cultural, a ponto de convertê-la em elemento vital de doutrina. Como consequência, deixou ele com isso implícito o fato de uma língua e uma literatura, sobretudo esta última, terem o condão de expressar o espírito dum povo,

---

28 Como já mencionado, ressalve-se que em certos círculos intelectuais romanos tornara-se viável diluir a identidade romana convertendo-a numa espécie de *ersatz* da greicidade, como fará Dionísio de Halicarnasso, ao adotar em relação a Roma uma interpretação tendente a descobrir na Grécia as origens do povo romano, acenando assim ao surgimento duma “ideologia do clássico” na historiografia romana. Cf. Wiater, 2011, *passim*.

29 O discípulo Varrão soube aqulatar a importância deste ramo de estudos, tanto que, na apreciação de Cícero, ele mesmo fez por merecer ser distinguido com o título de “*diligentissimus investigator antiquitatis*” (*Brutus*, 60).

---

vale dizer, a sua maneira de observar o mundo e a partir desta observação traçar um quadro de relações conformador da cultura dentro da qual se espera viver. Todavia, por estar implícito neste arranjo um hiato que medeia entre aquilo que aquelas constroem pela força da imaginação narrativa e aquilo que revelam os fatos históricos demonstráveis por uma documentação subsistente e/ou por testemunhos, ele enfatizou como central ao seu estudo o fator propriamente histórico que está por trás da expressão literária e de seu instrumento linguístico. Visava dessa maneira a revelar o que constituía a cultura dum povo realmente existente e não apenas imaginado, ou seja, submetido às forças que concorrem para a sua conformação, o que conclamava a destacar a concretude dada pelos fatos determinantes da sua existência social. E se esse povo acaso ascende ao longo do tempo a patamares relevantes da operosidade humana, é natural que ele passe a merecer um estudo pormenorizado, o qual, segundo a ordem temporal, deve ter início já sobre a primeira fase de sua existência, vale dizer, nos tempos que revelam de alguma maneira o embrião de seu desenvolvimento - a sua antiguidade -, até por fim levar-se em conta o que ensina a sua maturidade totalizada - o seu presente -, onde se situa o vértice do horizonte de observação para o estudioso *ad hoc*. Justamente esse plano de estudos tornou-se apanágio da Filologia aeliana, com a qual o seu criador procurou dar a conhecer toda a Roma visível, englobando as suas instituições, os seus costumes, a sua religião, em suma, o seu sistema de vida, desde as suas origens até o presente. Ficou com isso definido na altura que o conhecimento das *archai* romanas seria uma exigência incontornável para quem se propusesse a conhecer a Roma fundamental, e que esse conhecimento seria obtido por meio do labor filológico consistente no levantamento de provas

documentais e testemuniais atestatórias de seu *éthnos* particular. Só assim se poderia produzir uma historiografia com o mínimo de lacunas, vale dizer, íntegra em todo o tempo de sua aplicação, do passado ao presente. Na falta de tais pressupostos, ainda que se pretendesse tornar palpável o que não existia, ou por outra, na ausência duma descrição duma realidade social plena de evidências históricas, só restaria preencher os vazios com texto calcado em idealizações fantásticas semeadas em linguagem autotélica, expressiva de indicadores textuais meramente autorreferentes. Munida dos recursos necessários, fornecidos em parte pela concretude dos inícios, ou seja, conjuminada com o esforço historiográfico, a Filologia aeliana *pôde evitar esses percalços, desde que adotou um método de investigação que haveria de lhe conferir substancialidade, qual seja o mesmo da archaiologia* concebida pelo alexandrino Calímaco em sua obra *Áitía*, sob a óptica estoica (Cf. Rawson, 1985, p. 233).

Registre-se que uma exposição deveras iluminadora da Filologia aeliana no que tange à sua conexão com a pesquisa antiquária encontra-se em R. A. Kaster (1997). Aelius é descrito ali como o “primeiro erudito ‘puro’ de Roma, ou seja, um estudioso que se dedicava ao trabalho científico independentemente da expressão artística” (p. 5). Kaster sublinha como sendo particularmente importante para a nossa história [da Filologia em Roma] a amplidão dos temas e das pesquisas de Aelius que, partindo do interesse primário relativo à língua, desenvolviam-se nos três ramos principais da Filologia romana: as ‘antiguidades’, que se ocupavam das instituições e das ideias religiosas de Roma e de seus vizinhos, a ‘literatura’, que incluía as questões de autenticidade e de história literária (mas menos do que hoje faz a nossa crítica literária), e o ‘estudo da língua’,

---

mais ou menos sistemático, voltado sobretudo (nesta primeira fase) para a etimologia e a semântica” (*ib.*).

Ao dar corpo à tripla função da Filologia mencionada por Kaster – e este é um ponto da maior relevância – reafirma-se o fato de Aelius instaurar essa disciplina no centro das humanidades, chancelando-a com a história triunfal da cultura romana, desde que devidamente amparada na pesquisa antiquária. Nesse sentido, em que pese ter recorrido a disciplinas afins, como exigia o método por ele adotado, a Aelius a tarefa mais importante pareceu a de fazer presente aos contemporâneos a Roma arcaica, mediante a reconstrução dos primeiros estágios da vida romana. Esta tarefa afigurou-se-lhe um instrumento heurístico eminentemente filológico, dir-se-ia a melhor alternativa para reunir provas que sustentassem um processo construtivo de investigação. Acredita-se que os temas tratados nos fragmentos restantes de sua obra permitem tirar essa conclusão, à parte o que sugerem os *testimonia* dos contemporâneos. Isto posto, duas consequências se podem sacar daí: primeiro, que se assegura à Filologia um papel central na investigação do passado, no sentido de que uma eventual reconstrução das *archai* requer embasamento em dados concretos ou ser instruída por uma convicção segura, apoiada em estudos de língua, de literatura e de antiguidades. A segunda consequência é que Roma passou a representar o sustentáculo de toda e qualquer filologia que se proponha a construir a partir de origens genuinamente atestáveis o sistema de vida ocidental, o seu *cosmion* particular. A implicação prática para esse contexto civilizacional é que, estando ausente dele a ideia de Roma, todo o resto que não repose sobre ela corre o risco de vir abaixo.

Ressalte-se ainda que para realizar a contento a sua tarefa, a Filologia deve respeitar sua aliança natural com as disciplinas

tradicionais que a seu lado cumprem uma função epistemológica vigorosa e decisiva no campo das humanidades, quais sejam a Filosofia e a História, bem como, nos tempos modernos, as suas homólogas tardias<sup>30</sup>. Assim fundamentada, a hermenêutica filológica procura ater-se à realidade dos fatos, de modo que ao se perseguir uma eventual reconstrução do passado se possa contar com elementos sólidos fornecidos pelo levantamento historiográfico, ou seja, passíveis de comprovação. Sem tais pressupostos, toda especulação e toda reconstrução pretendidas tendem a parecer uma mera peça literária alheia à expressão da realidade factual. Aelius dirigiu a sua investigação aparentemente ciente dessas dificuldades, mas é preciso reconhecer que lhe valia como corretivo para toda e qualquer elucubração factualmente vazia a existência duma formação social exemplarmente amparada em grandes feitos culturais e civilizatórios encarnada na própria Roma.

---

<sup>30</sup> A propósito, vale lembrar que foi por empreenderem a sua luta contra o mito, servindo-se amplamente da escrita e eventualmente da testemunha ocular, que a Filosofia e a História tornaram-se as guardiãs da razão no âmbito da discursividade especulativa. Em virtude de adotarem com sucesso critérios racionais de juízo, elas tornaram-se paradigmas das disciplinas humanistas, às quais se deve juntar a Filologia, cujo modelo pode ser representado pela modalidade aeliana acima descrita. Sobre o combate ao mito travado pela Filosofia e pela História, *vide* Brisson, 1966.

## Referências

- AULO GÉLIO. *Les Nuits Attiques*. Tradução de R. Marache. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- AULO GÉLIO. *Noctes Atticae*. Ed. P. K. Marshall. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- BAKE, I. *et alii*. *Bibliotheca Critica Nova*. Lyon: Luchtmanns, 1825.
- BRISSON, Luc. *Introduction à la Philosophie du Mythe, I, Sauver les Mythes*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1996.
- CÍCERO. *Academica*. Tradução de H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1967.
- CÍCERO. *Academica L'Arte del Dubbio*. Tradução de D. di Rienzo. Milão: BUR, 2022.
- CÍCERO. *Brutus*. In *Opere Retoriche*, I. Ed. G. Norcio. Turim: UTET, 1970.
- CÍCERO. *De Oratore*. In *Opere Retoriche*, I. Ed. G. Norcio. Turim: UTET, 1970.
- CÍCERO. *Le Leggi*. In *Opere Politiche e Filosofiche*, I. Ed. L. Ferrero e N. Zorzetti. Turim: UTET, 1995 [1974].
- CÍCERO. *Incerti Auctoris De Ratione Dicendi ad C. Herennium Libri IV*. Ed. F. Marx. Leipzig: G. Teubner, 1884.
- DIONÍSIO de Halicarnasso. *The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus*. Tradução de E. Cary. Cambridge: Harvard University Press, 1960.
- EGGER, A. E. *Latini Sermonis Vetustioris Reliquiae Selectae*. Paris: Hachette, 1843.
- FUNAIOLI, Hyginus. *Grammaticae Romanae Fragmenta, I*. Leipzig: G. Teubner, 1907.
- GABBA, Emilio. *Dionysius and the History of Archaic Rome*.

Berkeley: University of California Press, 1991.

GOETZ, G. Aelius Stilo Praeconinus, *Pauly-Wissowa Real-Encyclopädie*, I, 532-534. Stuttgart: J. B. Metzlerscher Verlag, 1894.

HEUSDE, J. A. C. van. *Disquisitio de L. Aelio Stilone*. Reno: Robert Natan, 1839.

KASTER, Robert A. *Geschichte der Philologie in Rom*. In: GRAF, Fritz. *Einleitung in die Lateinische Philologie*. Wiesbaden: Springer Fachmedien, 1997.

KROLL, Wilhelm. *Geschichte der Klassischen Philologie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1919.

LEO, Friedrich. *Geschichte der Römischen Literatur*, I. Weidmannsche Buchhandlung, 1913.

LINDO, Luiz Antônio. *România Filológica*. Tese de livre-docência, USP, 2022.

ENTZ, Ferdinand. *De Lucio Aelio Stilone*. Leipzig: G. Teubner, 1888.

NETTLESHIP, Henry. Verrius Flaccus, I. *American Journal of Philology*, vol. 1, nº 3, p. 253-270, 1880.

PFEIFFER, Rudolf. *History of Classical Scholarship from the Beginnings to the End of the Hellenistic Age*. Oxford: The Clarendon Press, 1968.

PLÍNIO O VELHO. *Natural History*. Tradução de H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

PROPÉRCIO. *The Complete Elegies of Sextus Propertius*. Tradução de V. Katz. Princeton: Princeton University Press, 2004.

QUINTILIANO, Marco Fábio. *L'Istituzione Oratoria*. Ed. R. Faranda e P. Pecchiura. Turim: UTET, 2003 [1968].

RAWSON, Elizabeth. *Intellectual Life in the Late Roman Republic*. Londres: Duckworth, 1985.

SANDYS, J. E. *A History of Classical Scholarship from the Sixth Century B. C. to the End of the Middle Ages*. Cambridge: University Press, 1903.

SUETÔNIO. *De Grammaticis et Rhetoribus*. Ed. R. A. Kaster. Oxford: Clarendon Press, 2003 [1995].

VARRÃO. *De Lingua Latina. In Opere*. Ed. A. Traglia. Turim: UTET, 1974.

WIATER, Nicolas. *The Ideology of Classicism Language, History, and Identity in Dionysius of Halicarnassus*. Berlim: De Gruyter, 2011.